

Fontes de autoridade na avaliação moral do comportamento sexual humano: implicações para a Religião e a Psicologia*

*James Reaves Farris***

Resumo

Este texto discute as questões da escolha de autoridades na avaliação moral do comportamento sexual e da sexualidade e aborda esses temas sob as perspectivas da relação entre a religião e a psicologia, ou, nos contextos das tradições históricas protestantes, da psicologia pastoral. A discussão não entra na avaliação moral de comportamentos ou orientações sexuais específicas, mas procura descrever as possíveis fontes de autoridade e as implicações destas escolhas.

Palavras-chave: autoridade; sexualidade; religião; psicologia.

Sources of authority in the moral evaluation of human sexual behavior: implications for religion and psychology

Abstract

This text discusses questions of the choice of authorities in the moral evaluation of sexual behavior and of sexuality, and approaches these themes from the perspectives of the relation between religion and psychology, or, in the contexts of protestant historical traditions, of pastoral psychology. The discussion does not offer any moral evaluation of specific sexual behaviors or orientations, but seeks to describe possible sources of authority and the implications of these choices.

Keywords: authority; sexuality; religion; psychology.

* Doutor em Filosofia e Personalidade e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: theology@uol.com.br

** Foi publicado anteriormente uma versão menos elaborada dos trechos sobre a *Autoridade bíblica e a razão* em: SANTOS, HUGO N. (Org): *Psicología pastoral: problemáticas fundamentales de América Latina*. Buenos Aires, Cetela, 2006.

Fuentes autoritativas de la evaluación moral de conducta sexual humana: implicaciones para la religión y la psicología

Resumen

Este texto discute las preguntas en la selección de autoridades en la evaluación moral de la conducta sexual y la sexualidad, y se acerca a estos temas desde las perspectivas de la relación entre la religión y la psicología, o, en los contextos de las tradiciones protestantes históricas y de la psicología pastoral. La discusión no ofrece evaluación moral alguna de las conductas sexuales o las orientaciones, pero procura describir posibles fuentes de autoridad y las implicaciones de esas selecciones.

Palabras-clave: autoridad; sexualidad; religión; psicología.

Dentro dos contextos das tradições religiosas históricas protestantes, é quase impossível discutir qualquer aspecto da sexualidade humana sem incluir, direta ou indiretamente, considerações morais, éticas e teológicas. Não há nenhuma neutralidade a respeito da relação entre a sexualidade e a religião. A penetração sexual, o estímulo oral, a masturbação, a homossexualidade e a sexualidade adolescente são conceitos que geram, consciente ou inconscientemente, poderosas respostas morais, éticas e religiosas. A colocação “Eu gosto de futebol” não gera o mesmo nível de resposta moral, ética e religiosa tal como a frase “Eu gosto do sexo oral”. A sexualidade é uma força fundamental que envolve a identidade e o comportamento humanos e os valores morais, éticos e religiosos. A sexualidade humana é inseparável da religião e de qualquer forma de ideologia. A sexualidade, o poder, a identidade, a moralidade e os valores estão intimamente vinculados.

A sexualidade é muito mais que um grupo de atos sexuais específicos. A sexualidade refere-se às questões das identidades pessoal e social. Quem nós somos, como seres sexuais, afeta a autodefinição, as relações sociais, a identidade social, a teologia, a moralidade e as imagens de Deus. O termo “sexo” refere-se ao gênero biológico, macho ou fêmea, ou aos atos físicos que envolvem os genitais. Por outro lado, a sexualidade inclui elementos biológicos, psicossociais, comportamentais e espirituais que permeiam todo aspecto do ser individual e social.

No amplo contexto da religião, a vasta maioria de discussões a respeito da sexualidade focaliza as questões de quais atos e orientações são aceitáveis moralmente dentro de tradições religiosas específicas. Ou, para as teologias e éticas confessionais, a questão é: “Quais atos e orientações sexuais são respostas adequadas à auto-revelação histórica de Deus?”. Em alguns momentos, essas discussões e esses debates são trocas sérias de idéias e princípios a respeito da

sexualidade, moralidade e ética. Em outros momentos, eles são trocas de crenças não examinadas cuja intenção é defender posições morais ou perspectivas teológicas pré-formuladas e inquestionáveis. Em qualquer caso é difícil integrar a razão, a experiência, a emoção, a identidade social e o poder quando a questão é, por exemplo, a religião e a homossexualidade, as relações sexuais pré-matrimoniais, a masturbação, ou atos específicos entre cônjuges. O sexo e a sexualidade carregam cargas emocionais pesadas, porque eles são mais que questões teóricas. A sexualidade, como a religião, permeia o ser e a identidade.

Em vez de destacar a legitimidade moral de atos, ou orientações sexuais específicas, essa discussão focalizará as questões do sexo, da sexualidade e da autoridade e as abordará sob as perspectivas da relação entre a religião e a psicologia, ou dentro dos contextos das tradições históricas protestantes, da psicologia pastoral.

O campo da religião e psicologia, dentro das ciências da religião, distanciaram-se das práticas e teorias diretamente relacionadas às estruturas e teologias eclesásticas. Pelo menos em teoria, a religião e psicologia buscam entender as relações entre as crenças e os comportamentos religiosos e a identidade e o funcionamento pessoal e social. A psicologia é o estudo do comportamento humano; embora essa definição clássica seja simplista, ela busca focar a experiência humana. A psicologia, como o estudo do comportamento humano, inclui, no mínimo, os seguintes campos: a estrutura e o funcionamento do cérebro, a consciência, a percepção, a motivação, as emoções e os sentimentos, a inteligência, a sexualidade, as relações psicossociais, a personalidade e os desenvolvimentos emocional, cognitivo e social. A religião e sexualidade são comportamentos humanos e, por isso, fazem parte do estudo psicológico dos seres humanos. A fonte fundamental de informação para o campo específico da psicologia e da religião é a observação do comportamento humano.

A psicologia pastoral começa com a práxis, ou com as considerações em torno da experiência humana das relações entre o Eu, o Outro e o Sagrado. Como tal, a psicologia pastoral aproveita e integra a psicologia, assim como uma variedade de outras ciências humanas, ou sociais, com o intuito de informar suas discussões a respeito do comportamento e da identidade humana, destacando questões sobre entendimentos e funcionamentos da religião e das crenças em Deus. Porém, a psicologia não é sua fonte de autoridade fundamental ou única. A psicologia pastoral começa com a crença fundamental na existência e na presença de um ser supremo. Os campos da religião e psicologia não necessariamente começam com esse pressuposto básico. Assim, a psicologia pastoral tem duas fontes fundamentais de autoridade: revelação / fé e ciência. Essa é uma das diferenças essenciais entre estes dois campos de estudo.

No entanto, há dois vínculos importantes entre a religião e psicologia e a psicologia pastoral. O primeiro é que os dois levantam questões fundamentais sobre a constituição básica dos seres humanos. A religião e psicologia e a psicologia pastoral levantam questões como: “Quem é o ser humano?”; “O que é consciência?”; “O que significa ter uma vida plena e saudável?”; “Como é que os seres humanos desenvolvem a identidade e criam o significado?”; “Qual o papel da sexualidade nas vidas, nas atitudes, nos valores e nos comportamentos humanos?”. Tais questões representam um certo espaço comum entre os dois campos de estudo.

O segundo vínculo é que os dois campos confiam em e aplicam várias fontes de autoridade e as aplicam. Dentro desse contexto, a autoridade é entendida como o investimento em pessoas, grupos, idéias, conceitos, estruturas sociais, espaços físicos, ideologias e assim sucessivamente, que servem na organização de crenças e comportamentos e também na construção e manutenção de universos de significado. Esses centros de autoridade são raramente monolíticos. Com a exceção dos mais extremos fundamentalismos psicológicos e religiosos, a autoridade é construída de fontes diversas. Cujas variedades fornece maior flexibilidade e confiabilidade, mas, ao mesmo tempo, aumenta a complexidade e a possibilidade de conflito.

A religião, a psicologia, a psicologia e religião e a psicologia pastoral confiam em uma variedade de autoridades em termos de entender e interpretar a experiência e a construção de sentido. Esse ponto é de especial importância para o tema do sexo, da sexualidade e da religião; cada um é uma experiência fundamental na vida humana. São experiências que permeiam a vida, o significado e a comunidade. Por isso, entender e avaliar como essas diversas fontes de autoridade são entendidas e aplicadas é de fundamental importância na compreensão da interação entre o sexo, a sexualidade e a religião na construção dos valores, dos significados, das identidades pessoais e do funcionamento social.

Em várias tradições protestantes históricas a revelação pode ser entendida como presente em ou expresso por meio da Escritura, tradição, razão e experiência. No contexto das tradições metodistas, isso é o chamado Quadrilátero Wesleyano. Obviamente, essas categorias de autoridade interpenetraram-se, mas ainda são pedagogicamente úteis porque são meios de organizar a discussão acerca da autoridade, experiência, identidade e do significado. Por exemplo, a psicologia está incluída nas categorias da razão e da experiência, mas está, de fato, presente nas quatro.

As questões metodológicas e teológicas a respeito de como entender e integrar essas diversas fontes de autoridade vão além do foco da discussão atual. Porém, a questão de autoridade destaca um problema fundamental na

discussão do sexo, da sexualidade, da religião e da psicologia: “Como é que as diversas fontes de autoridade a respeito da sexualidade humana e do comportamento sexual são avaliadas, integradas e aplicadas a respeito da avaliação moral dos atos e da identidade sexual?” A discussão atual vai aplicar as categorias de autoridade presentes no Quadrilátero Wesleyano como maneira de organizar, pedagogicamente, a indagação dessa questão.

A autoridades do primeiro e do segundo testamento

As igrejas históricas protestantes, entre outras tradições cristãs, consideram a Bíblia como a fonte fundamental da revelação e inspiração. Diversos textos bíblicos são considerados a base para a maior parte das crenças protestantes a respeito do sexo e da sexualidade. Porém, a autoridade bíblica não existe em um vazio. Ler é interpretar e toda e qualquer interpretação ocorre dentro de uma variedade de contextos. Por essa razão, a interpretação bíblica é altamente influenciada pela identidade individual e social e pelas experiências pessoais.

No texto *How to read what we read*, Johanna W. H. Wijk-Bos oferece três princípios básicos para ler e interpretar a Bíblia como autoridade espiritual e religiosa (2003: 63):

- 1) “Não existe uma maneira de ler a Bíblia. Ainda mais, não há uma coisa única que lemos na Bíblia. Sendo literalistas, ou não literalistas, nós lemos a Bíblia seletivamente.
- 2) Nós precisamos de um princípio de interpretação, uma ‘chave hermenêutica’, que guie nossa seletividade, em vez de permitir que os assuntos na moda determinem exclusivamente aquilo que consideramos importante e aquilo que ignoramos. Esta chave hermenêutica precisa ser consistentemente bíblica, ou, quer dizer, consistente com os temas gerais do Primeiro e Segundo Testamentos.
- 3) Desde que levamos a sério o contexto histórico da Bíblia, levamos a sério a distância entre nós mesmos e as Escrituras, entre nosso mundo e o mundo da Bíblia. Na medida em que tentamos entender o mundo bíblico, nós podemos fazer ligações com nosso próprio mundo.”

É fundamental levar a sério a Bíblia em termos de sua autoridade a respeito do sexo e da sexualidade. O desafio é identificar a chave hermenêutica que orienta a leitura da Bíblia a respeito desse assunto. Por exemplo, qual a justificação de dar autoridade moral a Levítico 18.22 (“Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação.”) e não a Levítico 18.19 (“Não te chegarás à mulher, para lhe descobrir a nudez, durante a sua menstruação.”)? É válido ler e interpretar Gênesis 18. 20,21; 19. 1,2^a, 4-13 e 24-25 como condenação da homossexualidade, ou sua mensagem fundamental é o imperativo moral da hospedagem aos estrangeiros? O texto de Gênesis 38. 8-

10 é condenação à masturbação? Por que O Cântico dos Cânticos não tem quase nenhuma autoridade moral nas tradições protestantes a respeito do erótico? Quais as implicações morais e éticas de 1 Coríntios 7. 9 (“Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado.”)? Esse versículo deve ser usado como o entendimento fundamental da intenção de Deus para a natureza da relação matrimonial? Por que sim? Por que não?

Quais os valores implícitos e explícitos das chaves hermenêuticas que guiam nossa leitura seletiva dos textos bíblicos? Esses valores são coerentes com os princípios fundamentais encontrados no Primeiro e Segundo Testamentos, ou só servem nossas necessidades e teologias imediatas e localizações sociais, políticas e econômicas? Até que ponto? Como é que podemos reconciliar as diversas experiências culturais presentes nos textos bíblicos e a distância entre nosso mundo e o mundo bíblico? Especificamente, como é que podemos reconciliar a perspectiva patriarcal a respeito das relações entre as mulheres e os homens nos textos bíblicos com nossos entendimentos modernos das dinâmicas de gênero? Como é que podemos reconciliar a associação direta e literal entre o sexo e a reprodução biológica que domina o Primeiro Testamento com as compreensões modernas das relações entre o sexo, o amor, a sexualidade e a reprodução responsável? Como é que podemos reconciliar os princípios de amor e justiça, presentes nos dois Testamentos bíblicos, com a necessidade de ter regras morais claras que guiam o comportamento sexual?

Como nós interpretamos e damos autoridade moral a certos textos bíblicos é, em grande escala, informado e influenciado por tradições e experiências. A escolha da autoridade moral de certos textos bíblicos e a exclusão de outros freqüentemente servem à função de reforçar as necessidades pessoais, sociais, econômicas, políticas, religiosas e espirituais. Ler é interpretar.

O sexo e a sexualidade são forças fundamentais na existência humana. O ato sexual e as relações físicas sexuais podem ser relativamente limitadas em termos do tempo que passamos fazendo amor; são a chave nas vidas de muitas pessoas. Por outro lado, a sexualidade permeia tudo o que nós fazemos e quem nós somos.

Isso é um problema, porque como há relativamente poucos textos bíblicos que tratam diretamente do sexo, não há quase nenhuma discussão intencional da sexualidade, como entendida atualmente. As relações patriarcais permeiam os textos bíblicos em termos de controlar a sexualidade e definir as relações pessoais e sociais entre homens e mulheres. Porém, a influência dessas normas sexuais e sociais é largamente ignorada, enquanto se constroem os valores morais sexuais modernos, pelo menos nas tradições históricas protestantes. O erótico é celebrado e valorizado em poucos textos bíblicos,

mas é parte fundamental da vida humana. O resultado é um vão de autoridade bíblica a respeito do erótico e a valorização indevida, por comunidades religiosas, de textos isolados. Na criação de uma teologia da sexualidade, ou do sexo, é muito mais fácil e cômodo citar certos textos bíblicos, a fim de defender a perspectiva pré-definida de uma comunidade, do que analisar as complexas relações entre o poder e o Eros que influenciam o sexo, a sexualidade e os valores morais. Tanto a teologia quanto a sexualidade são contextuais. Elas são profundamente influenciadas pelas experiências individuais, sociais, políticas, econômicas e assim sucessivamente.

Sobre a discussão em curso, a questão fundamental é examinar a escolha, por uma pessoa, ou família, grupo, comunidade, igreja, de certas autoridades bíblicas a respeito do sexo e da sexualidade. Quais os motivos e as motivações que dão base a essas escolhas? Por que a escolha desta ou daquela chave hermenêutica, ou a falta de análise intencional? Como é que a escolha de autoridades bíblicas e chaves hermenêuticas serve às relações de poder dominantes em diversos contextos, bem como as necessidades da pessoa, da instituição e seus medos, desejos e esperanças? Qual a diferença entre a autoridade e a tirania bíblica, a respeito do comportamento sexual e da sexualidade humana nos contextos modernos?

Segundo uma leitura psicodinâmica, a escolha da chave hermenêutica e dos textos bíblicos específicos que recebem a autoridade moral frequentemente serve às necessidades dos poderes dominantes de manter as relações de autoridade tradicionalmente estabelecidas. Essa escolha também reflete os desejos dos indivíduos e grupos de reprimir seus medos, ou defender ideais usando uma autoridade socialmente respeitada. A autoridade da Bíblia não existe em vão. Os indivíduos, grupos e instituições selecionam os textos e princípios que servem seus fins e valores. A questão para as ciências da religião e a religião e psicologia é o processo e os motivos dessa escolha, suas aplicações e as implicações para a saúde emocional, mental e social.

A autoridade da tradição

O conceito de tradição é difícil definir. Uma das interpretações mais históricas, e conservadoras, é que a tradição é “o depósito por escrito do esforço da Igreja, sob a influência do Espírito Santo, de entrar mais profundamente no sentido da revelação de Deus atestada na Bíblia” (Thomas 1982: 51) Assim, a tradição refere-se aos credos, às decisões conciliares, às confissões de fé, às liturgias e às escritas teológicas. Esta compreensão reflete um entendimento protestante de tradição, mas não varia de maneira significativa das perspectivas da Igreja Católica Romana. O elemento distintivo da compreensão de tradição da Igreja Católica Romana é a inclusão da tradição oral

dos bispos apostólicos. Essa tradição oral foi transformada, por diversos concílios, durante 300 anos, em documentos que influenciaram significativamente a história da Igreja Católica Romana. É importante entender as limitações dessas perspectivas. Nas compreensões mais tradicionais, a tradição existe efetivamente fora dos contextos culturais. A tradição reflete a relação entre a igreja e Deus, via a intermediação do Espírito Santo. Essa relação será o ponto fundamental da atual discussão.

Embora haja diferenças na compreensão de tradição entre perspectivas protestantes e romano católicas, a interpretação tradicional, ou fundamental, é bastante similar. A tradição refere-se aos documentos e às teologias produzidas pela igreja em diversos momentos históricos, mas o pressuposto quase sempre presente é que a tradição reflete uma relação quase sem influência cultural (Larney 2006: 42-43).

Há diversas variações e interpretações históricas, mas não é difícil enxergar certas tendências históricas nas tradições da igreja a respeito da sexualidade. Resumindo, durante quase 2.000 anos de história, a Igreja Cristã Ocidental mantinha tradições que refletiam uma hermenêutica bíblica relativamente conservadora que valoriza as relações sexuais entre adultos heterossexuais casados e que tinham uma certa desconfiança no prazer sexual e mantinham o dualismo neoplatônico entre o corpo e o espírito. As tradições romanas católicas mantinham uma associação básica entre a atividade sexual e a procriação e codificavam o celibato entre os sacerdotes. Essa perspectiva reflete o valor dado à teologia natural e à tradição oral dos bispos apostólicos. As tradições protestantes, baseadas na autoridade da Bíblia, não defendiam a necessidade do celibato entre os pastores, ou a associação direta entre a atividade sexual e a procriação. Embora haja outras diferenças, as tradições protestantes e católicas a respeito das tradições teológicas, éticas, morais e sexuais não são fundamentalmente diferentes. As duas tradições expressam uma certa desconfiança no poder e na influência da sexualidade no comportamento humano, não valorizam a sexualidade de mulheres, dão importância à sexualidade na relação de amor entre parceiros heterossexuais casados e continuam com o dualismo neoplatônico entre o corpo e o espírito.

Não é difícil acompanhar o desenvolvimento dessas tradições na igreja primitiva, na teologia medieval, nas teologias de João Calvino e Martino Lutero, nas diversas teologias protestantes e católicas modernas e nos dias atuais.¹ Uma questão é como lidar com esta história em um mundo no qual as tradições da Igreja Ocidental Cristã não são mais fontes de autoridade qua-

¹ Veja, por exemplo Farley (1994:54-67).

se inquestionáveis a respeito da sexualidade humana. Uma segunda dificuldade surge por causa do desenvolvimento, no século 20, das teologias contextuais e da análise histórica, social e literária da Bíblia.

A primeira questão será apresentada nas discussões, em seguida, sobre a experiência e a razão, destacando-se questões dos valores culturais de experiência e razão no mundo moderno ou pós-moderno. O desenvolvimento de estudos científicos sobre o desenvolvimento humano e a sexualidade, a disponibilidade de meios confiáveis de controle de natalidade e o valor extremo dado à experiência individual têm mudado fundamentalmente os entendimentos da sexualidade humana e o lugar, a função e a autoridade da religião institucional.

A segunda dificuldade é epistemológica. Uma mudança epistemológica fundamental ocorreu nos últimos cem anos. Essa mudança epistemológica refletiu desenvolvimentos nos estudos bíblicos e históricos na etnologia, na sociologia, na lingüística e nas teorias de conhecimento. Resumidamente, esses desenvolvimentos revelam como o contexto e o local social influenciam todo o conhecimento. O impacto na teologia é de desafiar que ela é uma ciência objetiva que busca esclarecer as verdades universais. A teologia, como a auto-reflexão de uma comunidade cristã a respeito de suas compreensões e expressões da vontade de Deus, é sempre e continuamente localizada no social e influenciada por uma variedade de fatores.

A Bíblia e as tradições cristãs ocidentais são localizadas socialmente e expressam momentos, valores, interpretações e relações políticas, econômicas e sociais de poder. Os seres humanos existem em contextos culturais e históricos, cujas realidades influenciam toda a vida, incluindo os textos bíblicos e as tradições das igrejas.

A respeito das tradições ocidentais cristãs e a sexualidade humana, essa mudança epistemológica revelou como as atitudes e éticas tradicionais sexuais têm sido freqüentemente influenciadas por centros de poder, ou perspectivas teológicas / éticas. Isso pode ser observado claramente na separação da espiritualidade da sexualidade, na localização da expressão sexual valorizada exclusivamente dentro do casamento heterossexual, na negação do desejo sexual como uma experiência humana positiva, na desvalorização de expressões sexuais de pessoas não-casadas e na quase demonização, pelo menos em algumas tradições, da sexualidade de mulheres (Feuerstein 2003: 101-111) A intenção dessa discussão não é negar, categoricamente, as tradições ocidentais cristãs a respeito da sexualidade humana, mas perguntar por que outras vozes e experiências têm sido ignoradas e oprimidas.

A resposta tradicional, pelo menos nas diversas tradições ocidentais cristãs, é que a Bíblia e a tradição cristã revelam que esse é o modelo da sexualidade humana que melhor reflete a vontade de Deus. Para tanto, as pessoas que não

seguem essas tradições, e as interpretações bíblicas subjacentes, estão violando a vontade de Deus. Essa resposta tradicional está sendo desafiada por diversas teologias contextuais. A nova questão hermenêutica fundamental a respeito das tradições ocidentais cristãs e a interpretação bíblica é a seguinte: por que é que a algumas tradições, interpretações, individuais e de grupos, tem sido dado poder quase inquestionável nas questões da sexualidade humana e outros ignorados, abandonados, ou perseguidos?

Isso não significa que as tradições cristãs ocidentais a respeito da sexualidade humana devam ser simplesmente ignoradas ou abandonadas. Significa que essas tradições devem ser examinadas e entendidas profundamente e não aceitas cegamente. Como será discutido em seguida, a supervalorização da experiência individual ou da razão produz outros problemas graves. No entanto, é fundamental reconhecer que a tradição cristã ocidental não pode ser mais considerada a fonte inquestionável de autoridade a respeito da sexualidade humana e das práticas sexuais. Dentro do contexto do mundo moderno, ou pós-moderno, o diálogo e a contextualização são imprescindíveis.

A autoridade da razão

Como já assinalado, a psicologia pastoral liga dois universos de sentido, ou de conhecimento, diferentes. A psicologia é uma ciência social, ou humana, que descreve e analisa o comportamento humano. A teologia é a auto-reflexão de uma comunidade de fé a respeito daquilo que é considerado ser sagrado e como expressar, em teoria e prática, essas crenças. A psicologia não começou com o pressuposto da existência de um ser supremo, ou Deus. A teologia começa com este pressuposto. A psicologia busca observar e entender o comportamento humano, a fim de avançar a felicidade, a atualização, a satisfação, a produção, a criatividade e assim sucessivamente, humana. A teologia busca entender e articular as atitudes, crenças, ações e maneiras de ser consideradas as respostas mais adequadas à auto-revelação de Deus.

Apesar das diferenças de pressupostos fundamentais, a psicologia, ou a ciência, e a religião, ou a teologia, aplicam o recurso básico da capacidade humana para o raciocínio, a razão, a fim de entender melhor seus próprios universos de significado. Nas tradições teológicas, a razão é considerada como sendo um dos dons fundamentais de Deus para o ser humano. Como tal, a razão deve ser usada para buscar e seguir a vontade de Deus. A psicologia usa a razão para observar, analisar e entender o comportamento humano.

Em nenhuma das duas disciplinas está a razão neutra. A razão existe e funciona dentro de sistemas de autoridade e tradição. Na teologia, esta realidade está presente nos conflitos entre a autoridade da Bíblia e da tradição e experiência. No campo da psicologia, diversos estudos demonstram a ten-

dência de ver o que queremos ver, ou, mais especificamente, a pesquisa tem a tendência de descobrir o que o pesquisador quer descobrir.²

Para complicar ainda mais uma situação altamente complexa, o sexo e a sexualidade são comportamentos multifacetados. Embora seja possível observar e descrever comportamentos sexuais específicos, é muito mais difícil observar, descrever e interpretar a sexualidade humana. Por exemplo, é muito difícil delimitar o número de pessoas homossexuais, ou de pessoas que respondem sexualmente, em especial, às pessoas do mesmo sexo, em uma dada população devido às pressões sociais de esconder tais comportamentos. É muito difícil avaliar o número de casos de abuso sexual entre cônjuges, por causa dos valores sociais que, freqüentemente, definem o comportamento sexual como sendo “particular”, ou negam a possibilidade de tais atos, ou valorizam, indiretamente, o “direito” do macho ao ato sexual. A descrição dos papéis sexuais entre cônjuges é dificilmente avaliado por causa da tendência de valorizar certos comportamentos como sendo “normais” e outros “anormais” dentro de culturas específicas. As pesquisas a respeito das atitudes e dos comportamentos sexuais de pessoas em comunidades religiosas é freqüentemente limitada pelas pressões sócio-religiosas dentro dos grupos a respeito do sexo e da sexualidade. Resumidamente, em nível da cultura e dos grupos religiosos, a auto-revelação de atitudes sobre a sexualidade e os atos sexuais é bastante limitada em função do imenso poder emocional, social e religioso vinculado à sexualidade. No entanto, apesar de suas limitações, a razão é uma ferramenta fundamental na psicologia e religião a respeito do comportamento sexual e da sexualidade humana.

No campo do sexo e da sexualidade humana, as observações, ou contribuições, científicas freqüentemente entram em conflito com as autoridades e tradições religiosas. Além disso, por causa da complexidade do sexo e da sexualidade humana, há pouco consenso nas comunidades científicas a respeito das questões mais polêmicas, tais como: a homossexualidade, a atividade sexual na adolescência, a função do erótico no desenvolvimento humano, a educação sexual na escola; a curiosidade sexual entre as crianças; o gênero e a sexualidade e os limites entre a violência e o sexo. Embora haja informação em abundância nas comunidades científicas, há poucas conclusões que podem ser afirmadas categoricamente.

Essa falta de “conclusão científica” alimenta o debate, dentro das comunidades religiosas, a respeito dos “recursos científicos” a serem usados, ou respeitados, nas discussões sobre o sexo e a sexualidade. Bem semelhante aos conflitos a respeito da autoridade bíblica, há diversos grupos, pessoas, interesses

² Veja, por exemplo, Rosenthal and Jacobson (sd. 115-118).

e igrejas que freqüentemente selecionam a “evidência científica” que reforçam suas próprias perspectivas teológicas e éticas. É uma tentação ver o que queremos ver, reforçar aquilo que já acreditamos e ignorar qualquer informação, ou perspectiva, que contradiz os valores e as tradições estabelecidas.

Qual o caminho mais “fiel” quando as autoridades e os sistemas teológicos entram em conflito com a evidência ou a observação científica? Como e até que ponto aceitar as observações vindo da psicologia e de outras ciências humanas a respeito do sexo e da sexualidade? Como resolver as questões de autoridade quando as informações “empíricas” contradizem as crenças religiosas? Como responder às questões a respeito do sexo e da sexualidade quando não há claros recursos na Bíblia, ou na tradição?

A respeito da sexualidade, por exemplo, é difícil negar que o comportamento sexual humano seja mais variado e complexo que as normas tradicionais religiosas reconhecem. Apesar de problemas metodológicos, Alfred Kinsey (1979), William Masters e Virginia Johnson (1982), Shere Hite (2000) e uma variedade de outras autoridades e estudos indica que a resposta sexual humana existe em um contínuo entre o heterossexual e o homossexual. Resumidamente, é difícil defender, baseado nos dados atuais, a existência de uma só sexualidade humana categórica, a heterossexualidade.³ Em contraposto, pode ser argüido que tal afirmação não é “fato científico”, mas representa só uma “teoria”. Porém, a maioria das pesquisas atuais indicam que a sexualidade humana seja muito mais “fluida”)) que nos modelos anteriores.

Embora haja diversas escolas de psicologia que propõem que a homossexualidade e a bissexualidade resultam de alguma forma de trauma emocional, ou física, ou de um algum tipo de transtorno de desenvolvimento, há uma vasta literatura que indica que elas ocupam um espaço “normal” dentro da comple-

³ Em julho de 1994, *A Associação de Psicologia Americana (The American Psychological Association)* declarou que a homossexualidade não é considerada transtorno emocional ou mental: “A pesquisa a respeito da homossexualidade é clara. A homossexualidade não é nem transtorno mental nem perversão moral. Ela é apenas uma maneira em qual a minoria de nossa população expressa o amor humano e a sexualidade. Diversos estudos demonstram a saúde mental de homens, gay e lésbicas. Pesquisas a respeito do julgamento, da estabilidade, da confiança, da saúde mental e da adaptação vocacional mostram que as pessoas homossexuais funcionam ao mesmo nível como os heterossexuais. A homossexualidade não é questão de escolha intencional ou individual. As pesquisas sugerem que a orientação homossexual aconteça no período bem cedo do ciclo da vida, possivelmente antes do nascimento. As pesquisas recentes indicam que qualquer esforço em prol de mudar os homossexuais é nada mais que o preconceito social que usa a psicologia como disfarce” (tradução do autor) .

xidade da sexualidade humana. A sexualidade humana é um fenômeno altamente complexo, que não pode ser reduzido, exclusivamente, aos elementos biológicos, genéticos ou sociais. O intercâmbio de todos esses elementos influencia a sexualidade do ser humano. É bem provável que aprendemos diversos comportamentos sexuais específicos, tais como os objetos de nossos desejos sexuais, mas nosso ser, ou nossa identidade sexual, é muito mais complexa. Retornaremos a esta questão na discussão da autoridade da experiência.

O valor da procriação domina a maioria dos textos bíblicos e diversas tradições cristãs, mas as pesquisas atuais claramente mostram que o prazer sexual é de importância fundamental para a saúde emocional e física, e há diversos autores cristãos que afirmam a relação entre o corpo, o prazer e a espiritualidade.⁴ Como é possível a identificação da sexualidade humana com a procriação em um mundo superpopuloso, à luz da compreensão moderna dos direitos da mulher ao controle de seu próprio corpo e o lugar fundamental do prazer na saúde e na felicidade humanas?

A Bíblia e a maior parte das tradições cristãs claramente valorizam o prazer sexual e o poder do homem e, com exceção do Cântico dos Cânticos, ignora a sexualidade e o prazer da mulher. As pesquisas científicas, além do senso comum, claramente mostram que as mulheres são seres sexuais com seus próprios desejos e necessidades, e os valores culturais ocidentais afirmam essa mesma realidade.

O conceito de um homem estuprando sua mulher não existe na Bíblia, ou nas diversas tradições das igrejas antes da década de 1970, mas, atualmente, é reconhecido como um ato de violência em âmbitos psicológicos e jurídicos. O conceito de assédio sexual por amigos, colegas ou outros não existe na Bíblia e só indiretamente nas tradições das igrejas. Mas a psicologia e o jurídico o reconhecem como forma da aplicação inadequada e injusta de poder.

A resposta sexual humana começa nos primeiros dois anos de vida. Depois de aproximadamente 80 anos de idade, ela diminui significativamente, mas tudo indica que continua sendo uma força no comportamento humano até o momento da morte. Esses e muitos outros elementos na sexualidade humana foram desconhecidos pelos autores bíblicos e por aqueles que formaram as tradições cristãs.

As culturas que produziam os textos bíblicos e as tradições cristãs estavam sem essas informações e perspectivas. Eles estavam, como nós mesmos, presos aos seus próprios contextos culturais. A razão frequentemente desafia as autoridades bíblicas e da tradição. Talvez um dos problemas mais agudos nos de-

⁴ Veja, por exemplo, Nelson (1978).

bates sobre a ética sexual cristã e suas autoridades seja como reconciliar as novas informações, os novos dados científicos e as novas tendências culturais a respeito da sexualidade humana com as diversas fontes de autoridade cristã.

A autoridade da experiência

Pode-se afirmar que uma das mudanças mais marcantes na relação entre a igreja e a sociedade, nos últimos cem anos, é a valorização da experiência individual em comparação com as crenças morais éticas tradicionalmente defendidas pela religião ocidental. Nas culturas ocidentais, a experiência individual é crescentemente valorizada como base de tomar decisões e agir. Em vez de perguntar “O que é que Deus, ou minha comunidade quer de mim?” o novo imperativo moral é “Em que eu acredito e como é que eu quero viver?”. Embora isso seja uma tendência geral nas culturas ocidentais, é particularmente relevante nas questões do sexo, da sexualidade, dos direitos das mulheres e das ações e identidades daqueles oprimidos e marginalizados pelos poderes dominantes pelos centros de poder culturais e religiosos. A experiência pessoal tem se tornado a chave hermenêutica para a definição dos direitos e das responsabilidades. Isso tem sido muito difícil para as igrejas, à luz de suas fontes bíblicas e históricas de autoridade, e freqüentemente é um ponto fundamental de conflito nas questões do sexo e da sexualidade.

Na igreja, esse debate tende a focalizar como usar e interpretar as Escrituras, a tradição e a razão. Embora seja uma supersimplificação, a igreja cristã tem baseado a maior parte de seu ensino a respeito do sexo e da sexualidade em uma ética de moralidade e autoridade. Quais as regras ou os princípios morais que governam o sexo e a sexualidade? O resultado é, freqüentemente, a citação de textos bíblicos, figuras e tradições históricas que defendem e delimitam certas atitudes a respeito do sexo e da sexualidade. O resultado histórico é uma ética, ou moralidade sexual que valoriza, acima de tudo, as relações sexuais no casamento heterossexual e compara qualquer outra atividade a essa norma absoluta e inquestionável. Embora seja menos nos dias atuais, essa ética e moralidade sexuais também procuram delimitar os atos, os sentimentos, as atitudes e as relações interpessoais aceitáveis entre os cônjuges. A sexualidade era freqüentemente escondida, ou negada, e foram comuns os sentimentos de culpa sobre o desejo sexual. Havia pouca valorização da relação entre o corpo e o espírito, o Eros e a Ágape. O resultado foi a fragmentação individual, social, religiosa e espiritual.

O individualismo que define as culturas ocidentais modernas freqüentemente rejeita tal ética e moralidade sexual. A experiência pessoal é constantemente valorizada acima de qualquer outra fonte de autoridade. Tal individualismo freqüentemente resulta em outros tipos de fragmentação e opressão,

mas, em termos da discussão atual, o que é de importância é seu questionamento profundo dos alicerces das éticas sexuais cristãs.

Na comunidade cristã, esse conflito é expresso de maneira mais clara entre uma ética sexual fundada na lei, na citação de escrituras específicas e a tradição cristã *versus* os princípios gerais de amor e justiça. Embora esta discussão seja altamente complexa, sua base é a relação entre a experiência individual moderna e a experiência da comunidade histórica cristã.

Resumidamente, a ética da lei e da moralidade busca organizar o sexo e a sexualidade pelas experiências históricas relativamente específicas, ou revelações, encontradas nas Escrituras, nas tradições e na razão. A ética fundada no amor e na justiça busca a reformulação do sexo e da sexualidade baseada na centralidade da qualidade da relação, especificamente na presença do amor e da justiça. É dado muito menos peso, em termos éticos e morais, às referências, às Escrituras, às tradições da Igreja e à razão a respeito de atos e atitudes sexuais específicas em comparação com os princípios implícitos e explícitos, do amor e da justiça de Deus. O desafio de tal ética é que ela abre espaço para a aceitação de uma certa diversidade de identidade e expressão sexual, tais como o homossexual e o bissexual, e a nova avaliação das atitudes tradicionais a respeito do prazer sexual entre as pessoas casadas e solteiras. De modo geral, tal perspectiva é dificilmente aceita pelas diversas tradições cristãs. No entanto, essa perspectiva, ou olhar ético, parece oferecer uma possível abordagem de responder ao individualismo radical que permeia as culturas ocidentais. As experiências individuais sexuais e o prazer são afirmados, mas somente na medida em que eles refletem relações baseadas nos princípios bíblicos e tradicionais de mutualidade, aceitação, solidariedade, respeito, amor e justiça.

Essas questões não têm resolução em curto prazo, mas são fundamentais para o estudo da religião, de modo geral, e da religião e psicologia, especificamente. É difícil lidar com a vasta variedade de experiências que permeiam a vida moderna em diversas culturas, tentando aplicar respostas teológicas e psicológicas pré-formuladas. A vida foge às regras e às teorias padronizadas. O sexo e a sexualidade fogem às regras e teorias padronizadas. O valor dado às experiências individuais só aumentará no futuro. A volta à predominância dos valores tradicionais sociais e religiosos que dominaram diversas culturas ocidentais até o fim do século 19 é bastante improvável. O desafio para a igreja e a religião e psicologia é responder de maneira intencional e equilibrada, que valoriza as experiências individuais, os princípios e valores dos universos de significado chamados comunidades de fé, ou igrejas.

Conclusão

Essa discussão evitou o debate sobre a moralidade ou a validade cultural de atos e orientações sexuais específicos. Em vez de entrar nesse debate, esta discussão lidou com as questões das autoridades bíblicas, da tradição, da razão e da experiência a respeito do sexo e da sexualidade. Não há respostas claras e definidas a respeito da escolha de autoridade, mas essa escolha é de fundamental importância em termos do entendimento e da avaliação do comportamento e dos atos sexuais e o que significa, pelo menos dentro do contexto da igreja cristã, ser fiel. Pouca ênfase foi dada aos diversos contextos culturais. No entanto, as questões levantadas parecem ser presentes em uma variedade de culturas e em quase todos os contextos cristãos. O sexo e a sexualidade são experiências universais que sofrem as influências da cultura e da fé.

O desafio para os contextos religiosos e culturais é reconhecer a diversidade e a complexidade da sexualidade e do comportamento sexual humano e buscar interpretar, ou reconciliar, os diversos recursos e autoridades que provêm da teologia, ciência e experiência individual. Isso significa que basear qualquer descrição ou avaliação da sexualidade humana e do comportamento sexual humano em uma única, ou intencionalmente selecionada fonte de autoridade, tais como a Bíblia, a tradição religiosa, a razão, ou a experiência, é perigosa no sentido de ignorar a riqueza e a complexidade de ser um ser sexual e as múltiplas influências do contexto. Assim, talvez os princípios de amor e justiça sejam o único caminho fiel e razoável na construção de uma avaliação do comportamento e da identidade sexual.

Referências bibliográficas

- AZPITARTE, E.L. *Ética da sexualidade e do matrimônio*. São Paulo: Paulus, 1977.
- _____, *Ética sexual*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BACH, J. Marcos. *Sentido espiritual da sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- Bíblia Sagrada: Antigo e o Novo Testamento*. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri, São Paulo, 1993.
- BRASH, Alan A. *Encarando nossas diferenças: as igrejas e seus membros homossexuais*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- CASTILHO, Lísias. *Homossexualidade*. São Paulo: ABU, 1989.
- CAVALLIERI, A. *Hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. *Sexualidade humana: verdade e significado*. São Paulo: Paulus, 1996.
- COSTA, Samuel da Silva. *A Bíblia, o sexo e a psicologia*. Rio de Janeiro: S. S. Costa, 2003.
- DEBERGE, Pierre. *O amor e a sexualidade na Bíblia*. São Paulo: Cidade Nova, 2003.
- DURAND, Guy. *Sexualidade e fé: síntese de teologia moral*. São Paulo: Loyola, 1989.

- ELLISON, Marvin M.; THORSON-SMITH, Sylvia (eds.). *Body and soul: rethinking sexuality as justice-love*. Cleveland: The Pilgrim Press, 2003.
- FARLEY, Margaret A. Sexual Ethics. In: NELSON, James B.; LONGFELLOW, Sandra P. *Sexuality and the sacred*. London: Westminster Press, 1994, p. 54 – 67.
- FAROS, Filoteo. *A natureza do Eros*. São Paulo: Paulus, 1998.
- FEUERSTEIN, Georg. *Sacred sexuality: The erotic spirit in the world's great religions*. Rochester: Inner Traditions, 1992.
- GALLAGHER, R. *Compreender o homossexual*. Aparecida: Santuário, 1990.
- GRZYBOWSKI, Carlos. *Macho e fêmea os criou: celebrando a sexualidade*. Viçosa: Ultimato, 1998.
- HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Edições GLS, 1994.
- HITE, Shere. *The new hite report*. New York: Hamlyn, 2000
- KINSEY, A.C. *Homosexualidad - informe kinsey*. Madrid: E. Debate, 1979
- LARTEY, Emmanuel Y. *Pastoral theology in an intercultural world*. Cleveland: Pilgrim Press, 2006.
- McNEIL, John J. *La iglesia ante la homosexualidade*. Barcelona: Grijalbo, 1976.
- MASTERS, William H., JOHNSON, Virginia E., KOLODNY, Robert C. *Sex and human loving*. Boston: Little, Brown and Company, 1982.
- MONTEOLIVA, José Maria. *A sexualidade*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MUSSKOPF, André Sidnei. *Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay*. São Leopoldo: EST, 2002.
- NELSON, James B. *Embodiment: An approach to sexuality and christian theology*. Nashville: Augsburg, 1978.
- NELSON, James B.; LONGFELLOW, Sandra. *La sexualidad y lo sagrado*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1996.
- ROSENTHAL, R.; JACOBSON, L. Teachers expectancies: determinants of pupils' I.Q. gains. In: *Psychological reports*, 19, p. 115-118.
- SNOEK, J. *Ensaio de ética sexual: a sexualidade humana*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- THOMAS, Owen C. *Introduction to theology*. Wilton: Morehouse, 1982
- TIEFER, Leonore. *A sexualidade humana*. São Paulo: Harper and Row, 1981.
- VASCONCELOS, N. A. *Resposta sexual brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.
- VIDAL, Marciano. *Ética da sexualidade*. São Paulo: Loyola, 1991.
- VERONESE, Giulia. *Dimensão humana do sexo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- WIJK-BOS, Johanna W. H. van. How to read what we read: discerning good news about sexuality in scripture. In: ELLISON, Marvin M., THORSON-SMITH, Sylvia (eds.). *Body and soul: Rethinking sexuality as justice-love*. Cleveland: The Pilgrim Press, 2003. p. 63. Tradução do autor.
- ZEIDENSTEIN, Sondra e MOORE, Kirsten. *Apendiendo sobre sexualidad: una maneira practica de comenear*. Santiago: Soledad Diaz, 1999.